

# A imagem de si e o reconhecimento dos outros: o professor do 1º Ciclo do Ensino Básico

Paula Alves Quadros Flores  
Joaquim José Escola

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

*Palavras-chave:* Identidade profissional docente, Representações sociais

## RESUMO:

O tema da identidade é induzido pela pergunta: quem sou eu? Quem somos nós? Ser professor depende da imagem que o professor tem de si mesmo e da imagem social que lhe reconhece essa categoria. Pretendemos, nesta comunicação, encontrar uma interface de representações que traduzam a identidade profissional docente do professor do 1º Ciclo do Ensino Básico pelo seu olhar e pelo olhar dos outros. Recorremos a “avaliação 360º” que envolve Professores, Encarregados de Educação, Presidentes do Conselho Directivo, Formadores e Director de Centro de Formação.

Abordar o professor na actualidade significa constatar novas representações do ensino, do acto de ensinar e do saber dos professores, significa prever novos rumos para a escola, novos modos de educação e de gestão do

trabalho docente. Concluiu-se que o sistema educativo caminhará para a excelência a partir do momento em que todos os seus participantes estiverem alinhados com a mesma missão para atingirem a visão da educação que melhor serve a sociedade.

## 1-IDENTIDADE: UM CONCEITO PARADOXAL

O conceito de identidade tem suscitado alguns problemas de terminologia por ser complexo e paradoxal. A sua definição oscila entre a semelhança e a diferença, entre a unidade e a diversidade, entre o interior e o exterior do sujeito, tocando no mais profundo de si mesmo. Assim, distinguindo-se e diferenciando-se dos outros, ela assume um carácter do que é idêntico, (Lipiansky, 1992), ou como refere Laing, citando Dubar (1997, p. 104) “(...) aquilo que eu suponho ser o meu mundo “interior” mais íntimo revela-se como o que possuo de mais em comum com os outros”. Nesta duplicidade entende-se a definição de identidade apresentada no

dicionário da Porto Editora “(...) o que é, o que não é não é (...)”, “(...) reconhecimento de que um indivíduo é aquele que deve ser ou que é aquele que outrem presume que seja (...)”; Dubar (ibidem) sublinha que “eu só sei quem eu sou através do olhar do outro”. Assim, a identidade resulta das interações complexas que se estabelecem entre o indivíduo e o outro, entre a percepção de si e o olhar do outro, entre o íntimo e o social. Neste “stade du miroir” (Lipiansky, 1992, p.27) emerge a identidade.

Dubar, (1997, p.13), define-a como “(...) o produto de sucessivas socializações”, isto é, a identidade de um indivíduo vai-se reconstruindo ao longo da vida e depende não só das interações com as quais o indivíduo se cruza, mas também dos julgamentos dos outros e das nossas orientações e autodefinições “não basta que eu me considere competente, é necessário que os outros me reconheçam como tal” comenta Carrolo (1997, p. 27). Esta duplicidade evidencia dois pontos importantes: a identidade para si ou desejada, que envolve o percurso biográfico de cada um e a perspectiva pessoal, o que somos e procuramos ser; e a identidade atribuída por outrem, que envolve a opinião e o reconhecimento dos outros face ao perfil profissional do indivíduo.

Este processo conduz a uma tomada de consciência de si mesmo promovendo um processo de crescimento do indivíduo como pessoa e sujeito social. Também Carvalho (1992) releva a importância do grupo como peça fundamental para a formação e crescimento dos indivíduos reconhecendo-lhes, mutuamente, tal estatuto. A identidade surge assim como um processo que assenta na pessoa e na cultura de uma sociedade.

Nesta perspectiva, Sainsaulieu (citado por Dubar, 1997) realçou a importância do conceito de “identidade” no contexto organizacional, sublinhando a sua importância na compreensão dos comportamentos intergrupais. Este autor, aborda esta problemática a partir da perspectiva de actor e mostra que os indivíduos têm identidades distintas e tomam atitudes diferentes no trabalho. Segundo o autor, o trabalho abre ao reconhecimento pelo outro a realização de si. Assim, refere Jobert (2002) que a inteligência dos sujeitos precisa de ser tornada visível para os outros com a dupla intenção de garantir a sua cooperação no trabalho e de submeter a sua maneira de trabalhar ao julgamento de outros com vista a obter um reconhecimento da sua pessoa. Nesta perspectiva, a identidade do professor é uma construção pessoal influenciada pelas vivências no âmbito da escola. Note-se porém, que a cooperação no trabalho resulta da vontade das pessoas envolvidas na acção, mas é necessário que haja confiança e para isso é necessário que cada um possa estar certo de que os outros têm uma concepção do trabalho compatível com a sua. Contudo, além do reconhecimento de si pelos outros, um outro motivo leva os trabalhadores a tornarem visíveis as suas intenções: é a necessidade de fazerem reconhecer pelo outro que estão presentes na sua actividade enquanto sujeitos, ao mesmo tempo semelhantes aos seus colegas e portanto membros de uma comunidade e diferentes deles pela maneira própria como resolvem os problemas postos pela tarefa, isto é, os trabalhadores têm necessidade de não só reconhecer a capacidade das suas habilidades como também saberem que elas foram úteis. Eles têm

necessidade de construção de identidades através de um reconhecimento social da sua pessoa. O mesmo se passa com as escolas, repare-se nas páginas ou sites que as elas têm online na internet. As escolas estão presentes nas montras virtuais identificando-se e distinguindo-se de outras.

Também Cavaco (1995, p.162) acredita que “ (...) a identidade profissional do professor se afeiçoa num processo de socializações centrado na escola, tanto através da apropriação de competências profissionais, como pela interiorização de normas e valores que regulam a actividade e o desempenho do papel do professor”. É no processo da “socialização secundária” que a identidade profissional cresce no sistema de interacção Social e Institucional, pelas imagens que ao indivíduo são enviadas pelos seus parceiros de interacção, isto é, pelo sentido de pertença, de relação e de identificação pelo qual o indivíduo se reconhece como pessoa e como profissional. Note-se que a forma como essas imagens são decodificadas pelos indivíduos não é indiferente à procura de reconhecimento social e ao processo de reconstrução das suas próprias identidades (Alves Pinto, 2001).

Actualmente, devido às mudanças ocorridas na sociedade, os professores experimentam socializações variadas que conduzem a novas identidades. Que valores devem configurar a identidade profissional docente?

Lopes (2001a), investigadora no âmbito da identidade dos docentes do ensino primário, utiliza o termo “identidade profissional” numa perspectiva psicossocial e afirma que a intensidade da forma como ele é usado demonstra que são as relações humanas e as relações com o

saber que estão em causa na transição paradigmática que atravessamos.

Trata-se, assim, de uma nova forma de conceber a relação dos profissionais com a sua profissão e desta com a sociedade.

Como se revêem os professores nesta era de aceleradas mudanças? Que representações têm os restantes parceiros da educação desta profissão em movimento?

## 2- SER PROFESSOR

O exercício de (re)olhar-se na tentativa de reencontrar o seu processo identitário, possibilita rever-se num cenário onde se vivem e viveram experiências em constantes mutações. Isto desafia a questionar como vivem actualmente os professores a sua profissão e como perspectivam o futuro.

Simões (1995) chama a atenção do seguinte: o modo como se representa um conjunto de aspectos relativos à profissão poderá influenciar a sua actuação. Esta concepção relativa à experiência e à interacção do sujeito com a realidade pode consubstanciar-se em redor de uma noção, a de representação. A representação que os professores têm de si e da sua profissão remete para o conhecimento da realidade pessoal do indivíduo, pois são construídos no quadro da experiência de cada pessoa. Registe-se que, as pessoas em geral e os educadores em particular, agem face às situações com que são confrontadas por numerosos factores da sua história pessoal presente e passada e estas determinam o modo como interpretam os acontecimentos e como se posicionam face a eles, resolvendo eventuais situações problemáticas.

Desvendar o modo como as pessoas vivem a profissão, as imagens interiorizadas ou idealizadas do que é ser professor e o reconhecimento dos restantes membros da educação, levou-nos a recorrer à metodologia qualitativa sustentada numa “avaliação 360”. Este estudo foi realizado no concelho e Gondomar.



Fonte: Arroyo (2003). Adaptado

Este processo de avaliação, “avaliação 360”, permite a recolha de diferentes percepções relativas à profissão, fazendo um diagnóstico real da situação. Deste modo, identifica áreas com potencial para melhorar, facilitando a programação de desenvolvimento do grupo exactamente direccionada para as necessidades e de possíveis actuações de outras entidades a fim de contribuir para a melhoria das condições. A confidencialidade dos dados é um ponto importante neste processo.

## 2.1- O PROFESSOR DE OUTRORA

Para Lopes (2001) “a identidade é uma relação particular e necessária entre o passado e o futuro, dado o presente. O passado é fonte de sentido e o sentido de uma identidade nunca se pode mudar sem se mudar de

identidade. Mas para permanecer, a identidade precisa de mudar, transformando significados, para se manter com sentido” Perguntamos aos professores da nossa amostra as imagens que eles recordam daquilo que já foi ser professor e verificamos há pontos identitários muito fortes que marcam uma concepção colectiva de ser professor num contexto temporal:

“(…) o professor era o centro, era uma formação de informação”; “(…)era só ensinar os conteúdos dos programas e os alunos memorizavam (…)”; “(…) era igual para todos”; “O professor era um técnico (…) trabalhava com rigor e disciplina e respeito (…) os pais, afastados da escola, respeitavam o prof. porque ele era o meio da ascensão social”;

Os Encarregados de Educação entrevistados recordam o ensino da época com uma “disciplina rigorosa” traduzida pelo “medo”, “castigos” e “violência”, ignorava o aluno e os professores apenas ensinavam, a educação “era dada em casa”, mas acrescentam que os professores não trabalhavam com o computador e não ensinavam a estudar. Estarão eles a valorizar estes dois pontos na escola de hoje?

Neste âmbito, os Presidentes do Conselho Executivo são de opinião que “a escola era mais fechada aos pais”, que “os pais compreendiam melhor os professores”, a “ tarefa era do professor”; Relatam assim uma escola “fechada” sobre si própria, mas poderosa. O professor, de modo solidário e isolado, organizava-se em torno da sua sala de aula e desempenhava tarefas pedagógicas fundamentais da educação formal, enquanto que a nível central se produziam as circulares e ordens para

aplicação em todo o território nacional. Note-se que uma concepção de professor como instrutor e como técnico parece estar subjacente a um controlo político que define o currículo como um projecto igual para todos. Neste contexto, a gestão educativa da pedagogia tradicional era fortemente centralizada e a relação pedagógica tinha um carácter de imposição do professor sobre o aluno. A escola era um lugar de passividade, de organização regulada, de mera acção dirigida. Os sistemas educativos baseavam-se em premissas de obrigação, continuidade, regularidade e conformismo. Recordemos que este período foi vivido numa época em havia pouca informação e que a sociedade esperava que a escola informasse e formasse os cidadãos para um futuro previsível.

## 2.2- SER PROFESSOR HOJE

Há um conjunto de alterações profundas ao nível social e educacional que implicam novos modos de ser e de actuar do professor. Segundo Sacristán, (1995, p.67) existem imagens e representações do que é “ser professor” que mostram de forma simplificada as complexas funções que os professores devem assumir. Podem definir-se pelas necessidades sociais a que o sistema educativo deve dar resposta. Assim, enquanto que décadas atrás, segundo Formosinho (2000, p. 119) “(...) o sistema educativo organizava-se em torno da aula, na qual o professor, de um modo solitário e isolado, desempenhava tarefas pedagógicas fundamentais da educação formal (...)”, actualmente a sociedade exige mais, quer cidadãos criativos, inovadores e empreendedores de uma nova dinâmica.

Vários autores relatam um aumento significativo de tarefas a realizar conduzindo a uma indefinição de funções. Campos (2000, p.293) refere que “a expectativa social quanto às funções dos professores, (...) traduz-se num acelerado alargamento das mesmas” explica-se devido à atribuição à escola de novas responsabilidades na solução de novos problemas sociais. No entanto, pela primeira vez na história, a sociedade não pede aos educadores que preparem as novas gerações para responder às necessidades actuais, mas para fazer frente às exigências de uma sociedade futura, que ainda não existe (Faure, citado por Esteve, 1995). A mudança é inevitável! Contudo, exige-se a mudança, mas não se consegue desvincular a escola dos valores tradicionais. Os professores que mantêm os métodos tradicionais são vistos com desconfiança, os que utilizam os novos métodos são incompetentes, visto que uma aprendizagem centrada no aluno e nas suas aprendizagens não tem tido grandes repercussões na prática (Lopes, 2001). Este paradoxo está iminente na própria profissão professor. Nóvoa (1999) refere algumas ambiguidades desta profissão. Diz o autor que se por um lado os professores são olhados com desconfiança acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente, por outro lado são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural. O facto é que o professor tem que transmitir a tradição, mas também deve preparar eficazmente os seus alunos para o mundo do amanhã. Um mundo dominado pelas tecnologias, pela incerteza e por mudança repentinas.

Actualmente a nova identidade de escola exige uma nova profissionalidade docente, que já não se restringe à sala de aula, mas que se alarga à comunidade local e global, temos exemplos internacionais o projecto e-twinning e myEurope. É assim uma escola aberta ao exterior, no qual os actores são todos os interessados e intervenientes no processo educativo. Neste contexto, o professor é convidado a dar vida à escola para que ela se transforme num centro cultural aberto tomando lugar de relevo o projecto educativo e curricular de turma: um desafio para a escola e para o professor.

A opinião dos professores da nossa amostra relativamente à profissão docente na actualidade é que ela é muito complicada, contraditória e com muita burocracia. Ser professor é “muito difícil”; é “ensinar”, “educar”, “transmitir conhecimentos”, “ser orientador”. Os professores, além de educarem, assumem um conjunto de funções, algumas das quais da competência dos pais. Detectámos, assim, quatro dimensões na concepção de ser professor: política/administrativa, a social, a educacional e a formação e, ainda, quatro vectores fundamentais que definem um professor competente: a pessoal, a relacional, a pedagógica e a científica, isto é, o professor relaciona-se consigo mesmo, com os outros, com o saber-fazer e com o conhecimento. Verificámos ainda que os professores consideram-se competentes, perfeccionistas ficando sempre com a sensação de que estão aquém das suas possibilidades, atentos às dificuldades dos alunos, ao espelho vêem os seus erros e sentem-se vigiados. Afirmam sentir cada vez mais dificuldade em ser professor pelo mau desempenho e comportamento dos alunos.

Relativamente à dimensão burocrática verificou-se que os professores não se revêem nesta tarefa, afirmam o seguinte:

“(…) neste momento está a ser um bocado frustrante pelos papéis que nos exigem, o tempo que se devia realmente dedicar aos problemas das crianças estamos a tratar de assuntos que no fundo, acho eu, não têm grande interesse...”;“(…) resta-nos muito pouco tempo para fazermos aquilo que realmente devemos fazer (...);”

Lima (1995a) diz que em Portugal, a tradicional centralização política e administrativa e o correspondente controlo político-administrativo da escola, configuram um “centralismo educativo” que resiste mesmo aos propósitos reformistas dos seus responsáveis políticos. É, neste sentido, uma imagem do poder da burocracia, capaz de contrariar o poder político democrático e de eximir, aparentemente, aos cursos da decisão política. Ela traduz, assim, um conceito instrumental (funcional), uniformizador ao serviço de uma dada orientação política em que não se revê o processo de autonomia. Segundo Day (2001) a burocracia inibe a criatividade e a inovação porque é unidireccional e linear. Além disso, diz o autor que, o aumento das exigências administrativas que conduz ao stress dos professores prende-se com o crescente tempo e esforço necessário para eles manterem a mesma qualidade de ensino exigida por essas mesmas sociedades. Repare-se que, na amostra, embora genericamente os professores sintam este problema, são os mais velhos os que mais referem que o excedente de “papelada” hoje exigido, o

tempo despendido e a dificuldade em perceber a sua utilidade conduz à frustração dos professores. Talvez o ensino viva duas forças antagónicas, uma “puxa” para o desenvolvimento (autonomia), outra resiste ao desenvolvimento (aumentando a burocracia e o controle) dentro da própria concepção de escola. Segundo uma reportagem da revista Focus por Blandina e Mário Costa (2004), um estudo Universitário revela nas suas conclusões que “os professores não têm tempo para dar resposta às solicitações fora da sala de aula”. Note-se que, segundo Sandra Michel (1984), a implicação diz respeito à representação pessoal, ao conceito que temos de nós mesmos. A parte que a função profissional ocupa nesta auto-imagem é a base da implicação no trabalho. Vários autores são de opinião, entre eles Day (2001), Teixeira (1995), Seco (2000), Hargreaves (1994) que os professores que revelam “mal-estar” é sentido no seu dia a dia nas escolas baixando a sua implicação, ou seja, a forma como o indivíduo vive e sente a sua profissão tem implicações e consequências nas atitudes e comportamentos, quer a nível individual, quer organizacional reflectindo-se na qualidade de vida e eficácia no trabalho. Neste sentido, um dos presidentes dos Conselhos executivos é de opinião que os professores do 1º Ciclo vivem com alguma turbulência estas mudanças nas escolas “(...) muitas reuniões e mais reuniões e as pessoas não sabem muito bem porquê (...)”. Também um formador refere que há “(...) muitas reuniões... que de facto não levam quase a nada”.

Relativamente à dimensão social, verificou-se que, embora o papel de pai ou de mãe sempre tenha feito parte da

concepção do professor do primeiro ciclo, actualmente os professores reclamam esta responsabilidade aos pais. No entanto, um pai refere que “Ser professor é ser um pedagogo, é saber ensinar, é saber educar porque hoje os miúdos não estão tanto tempo com os pais e a educação que antigamente nos davam, que era dada em casa, a educação familiar acabou, ... a criança está um bocado abandonada no mundo e a escola é que a recebe. A escola e os professores, que são quem deveriam ensinar, passam a ter duas funções: ensinar e educar. Isto é grave porque educa bem ou mal, não está em discussão, mas educa da mesma maneira 30, 40, 100 (...)”. A crise social e familiar que actualmente se vive fizeram surgir um discurso pedagógico, moral e político que impõe um conjunto de obrigações ao professor da escola de massas. Dos professores “Esperam tudo. Que eduque os filhos porque a família não tem tempo, que ensine porque faz parte da missão da escola, que faça projectos porque os professores têm a responsabilidade de educar a geração futura e de ajudar a sociedade actual a evoluir” afirma um professor. Também um presidente do Conselho Executiva afirma que “(...) é uma espécie de assistente social” Mas a esta ideia contrapõe um director do Centro de Formação “Por muitas outras funções que tenha, a função principal do professor é ensinar, proporcionar aprendizagem (...), acrescenta “Acho que o papel de educar é mais dos pais, apesar de que hoje em dia, cada vez mais, os professores estão mais tempo com as crianças e quem educa mais são os professores, mas o papel deles é instruir”.

Relativamente à dimensão da formação, foi referido

por professoras, em início de carreira, o choque com a realidade que para uns causou insatisfação e angústias e, conseqüentemente, pouco investimento na profissão. Verificou-se, assim, que os factores motivacionais que originaram o sentimento de angústia e de insatisfação no início da carreira não foram de ordem pessoal, mas institucional (deficiência na formação inicial) e externa (razões de colocações). Os professores procuram formação por motivos intrínsecos (gostar de fazer um bom trabalho, de se relacionar com os colegas, pelo prazer do conhecimento) e extrínsecos (subir na carreira e conseqüentemente melhor vencimento, para serem melhores profissionais, para valorização pessoal e social). Contudo, uma análise global às respostas da nossa amostra, conta-se que os professores nunca manifestaram preocupação com a sua formação. Porém, esta é sempre referenciada pelos restantes parceiros da educação: como uma lacuna, como necessidade de formação ao longo da vida e realização de mestrado e doutoramento e ainda, a dificuldade dos professores abrangerem competências em todos os níveis que lhe são exigidos. Isto leva-nos a questionar que mudanças na formação inicial de professores? Que desafios para a escola para colmatar lacunas apresentadas pelos professores? Que mudanças se poderão adivinhar no regime de monodocência?

Os pais são de opinião que os professores hoje têm uma melhor formação académica, que são amigos, e que deveriam ser o “supra-sumo” dada as diferentes tarefas que executa, é assim uma profissão desafiante. Acrescentam que o professor competente é aquele que ensina, educa e puxa pelas crianças”, que é exigente

consigo e com os seus alunos, que procura formação para se actualizar, que é honesto, um modelo para as crianças. Neste âmbito, os presidentes do executivo são de opinião que ser professor é criar as condições para que as crianças aprendam, é um assistente social, é aquele que é capaz de mudar, valorizam a assiduidade, pontualidade e dedicação ao trabalho, é uma profissão complicada. Estes, são de opinião que um professor competente é aquele que é inteligente, inovador, tolerante, participativo, comunicador, dedicado, que motiva os alunos para a aprendizagem e que procura formação. Referem ainda que deve ser um professor abrangente, mas que não são confiáveis em algumas áreas. Na óptica de um director de centro de formação o professor não deve ser várias coisas para ser eficaz, deve concentrar-se no seu papel de ensinar. Deve ter a capacidade de reflectir sobre o seu trabalho e a sua postura na sala de aula. O professor competente será, segundo este inquirido, aquele que tem a capacidade de reflectir em conjunto, de partilhar com os colegas, de gerir o contexto da sala de aula, de estabelecer regras de forma clara e eficaz. Mas para os formadores os professores ainda têm o modelo tradicional muito presente e sentem-se inseguros na mudança. São de opinião que o professor deve ajudar o aluno a construir o conhecimento e que o professor competente é aquele que consegue adaptar-se à turma, que tem um e-mail, que trabalha em grupo, que tem capacidade de mudança, consciência política e conhecimentos culturais. Para os professores, a profissão de professor é difícil e abrange um conjunto de tarefas. Mas para se ser competente é necessário ser abrangente, exigente,

simpático, investigador, artista, aberto à mudança, responder às necessidades individuais dos alunos e estabelecer uma boa relação afectiva, além de dominar a matéria curricular.

Constata-se assim, que existe uma correlação entre as funções que cada um atribui à actividade do professor e o conjunto de atributos que levam à definição das competências do professor. Parece-nos poder admitir que um professor competente seria aquele que teria os atributos necessários que lhe permitiriam executar todas as funções que lhe são atribuídas, emergindo daí uma relação biunívoca atributo-função. Parece-nos ainda poder inferir destas respostas que, eventualmente, os professores focalizam a sua preocupação no desempenho das funções, enquanto os restantes entrevistados parece concentrarem mais a sua atenção em áreas relacionadas com o desenvolvimento pessoal e proactividade.

Afinal o que espera a sociedade de um professor? Há professores que são de opinião que a sociedade espera pouco e critica muito, outros afirmam que espera tudo, isto é, que eduque, que ensine, que faça projectos e que resolvam todos os problemas sociais e outros ainda opinam que espera que eles sejam bons profissionais, que eduquem e preparem bem os seus alunos para o futuro e que sejam membros activos na sociedade.

Contudo, os pais esperam que os professores “puxem” bastante pelos seus filhos brincando, sem “massacrar com deveres, que sejam exigentes, mas ternos.

### 2.3- SER PROFESSOR NO FUTURO

A sociedade de massas coabitou numa era em que se podia prever os conhecimentos e as competências

para a vida. A própria escola nasceu e cresceu num mundo de pouca informação. Ler, escrever e contar foram o enfoque para a inserção na sociedade e a formação do cidadão. Contudo, o rápido desenvolvimento tecnológico das últimas décadas revolucionou possibilidades comunicacionais ao estender as fontes e os recursos à comunicação pondo em causa qualquer previsibilidade a longo prazo. Hoje, na sociedade do conhecimento e da informação, abunda a informação e graças à evolução das novas tecnologias vivemos uma sociedade em rede, uma sociedade globalizada, aberta e tecnologicamente dependente. Exigem-se fluxos dinâmicos, conectáveis e flexíveis que promovam a comunicação e o conhecimento, exige-se um cidadão mais interveniente e mais criativo. A escola, para estar em sintonia com esta evolução, precisa de se adaptar a uma nova realidade sob pena de entrar em colapso, precisa de desvincular-se de convenções cristalizadas no tempo e abraçar a inovação. E os professores? Estes precisam de abrir as mãos ao mundo interactivo e libertar-se da modalidade comunicacional de massas para promover uma aprendizagem mais personalizada sustentada nas potencialidades das novas tecnologias.

O que pensa a nossa amostra sobre o que é ser professor neste mundo interactivo, virtual e em constante mudança, o futuro?!...

Para os professores da nossa amostra, o futuro docente será “completo e disponível”, “mais envolvente”, “muito competente, muito dedicado, muito condescendente, muito responsável, que saiba estar em grupo, que saiba olhar para a turma e veja uma sociedade em ponto pequeno, tem que ser tanta coisa!”, “muito ligado à parte

tecnológica, à informática”, “deverá ser um professor muito activo, muito dinâmico e que goste da profissão e que se empenhe e se entregue para conseguir ter sucesso”. É de referir o tom de incerteza de algumas respostas “não sei”, “não vai ser fácil”, “estou a ver as coisas muito complicadas”. Manifestarão elas o grau de incerteza e de complexidade que já vivem no presente?

Relativamente aos restantes entrevistados, os pais não têm uma resposta representativa, os presidentes dos executivos prevêem um futuro complicado e salientam a necessidade de mais autoridade para o professor, regras na escola e um papel activo na sociedade. Acrescentam que o professor deverá ser inovador para acompanhar a evolução da sociedade, deverá autoformar-se fazendo formação contínua, mestrado e doutoramento. O director do Centro de Formação é de opinião que o professor deverá estar actualizado, muito bem preparado em termos das novas tecnologias, atento às mutações constantes e será mais eficaz. Relativamente aos formadores, referem um professor interveniente, activo na sociedade, que aprende ao longo de toda a vida, portanto um autoformador com mais aptidões e mais formação mas humilde face ao conhecimento, com mais materiais para seleccionar, um e-professor, sempre contactável e com disponibilidade de tempo e muita formação.

Parece-nos que o domínio das novas tecnologias será um desafio para os professores e escolas actuais. Segundo Silva (2006) a interactividade põe fim à imagem de “professor contador de histórias”. O emissor assemelha-se ao “designer de software interactivo”, ele

constrói uma rede e define um conjunto de territórios a explorar permitindo modificações vindas do receptor. Por sua vez o receptor torna-se um “utilizador” que manipula a mensagem como co-autor, um conceptor que pode modificar, produzir e partilhar, veja-se as potencialidades que a Web 2 já proporciona. Actualmente, professores e alunos têm que aprender a estar on-line, isto é, num espaço de partilha, de colaboração e de construção em rede. Deste modo, o professor não será o motor de distribuição da informação e do saber, mas sim um membro do sistema distribuído de informação e conhecimento, que se estabelece e desenvolve no âmbito da actividade da comunidade de aprendizagem em rede (Dias, 2004). Por seu lado, o aluno deixa de ser mero receptor de informações ou assimilador de conteúdos a serem reproduzidos para aprender a “surfear” na Internet ou usar o correio electrónico. Neste sentido, Bidarra (2004) diz que o estudante torna-se um navegante, um explorador, um pioneiro e um visionário. Aliás, a Sociedade Internacional para a Tecnologia Educativa (Codesido, 2007) propõe as competências standard para os alunos da era digital, competências essas também definidas pela UNESCO e OCDE: criatividade e inovação, comunicação e colaboração, procura e processamento de dados, pensamento crítico, resolução de problemas e tomada de decisões, cidadania digital e conceitos e procedimentos tecnológicos. Neste sentido, é de opinião que educadoras e educadores possam utilizar as tecnologias de modo a que o aluno aprenda autonomamente e, em simultâneo, desenvolva actividades de pensamento crítico e de estratégias de análise da informação.

Há assim uma tendência para a autonomia e personalização da aprendizagem e, por conseguinte, o afastamento de um ensino de massas. Neste contexto, parece-nos que também a escola deverá mudar a sua postura proporcionando meios instrumentais e políticas que viabilizam a modalidade comunicacional e a abertura para o mundo. A sala de aula deixará de ser um lugar físico com tempos determinados e tornar-se-á num espaço promotor da inteligência colectiva, mediada pela socialização dum mundo em rede. Confundir-se-á a escola com a comunidade global? Quais os seus limites? E os professores?!... Continuarão a ter um horário fixo na escola? Um tempo determinado de trabalho semanal? Um isolamento com a turma na escola? Ou vingará o b-elearning que permite o ensino presencial e a distância?

Terminamos com uma representação do ano de 1899 do que seria a escola em 2000 para que cada um reflecta o dia de amanhã das escolas de hoje.

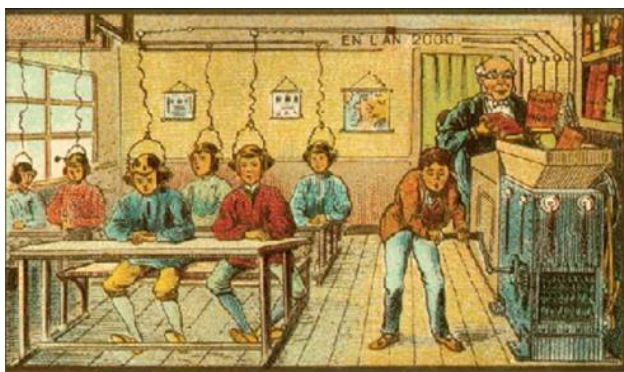


Fig. 1- Antevisão da escola de 2000 imaginada por Jean Marc Cote em 1899 - (Futuredays)

## CONCLUSÃO

Os desafios do séc. XXI estimulam inovações que respondam às necessidades e preocupações da sociedade e que fortaleçam uma nova profissionalidade docente e o redimensionamento da escola. Tendo em conta as diversas opiniões manifestadas pelos entrevistados, parece-nos poder considerar alguns pontos fortes hoje já direccionados: uma definição clara das dimensões de ser professor que se podem encontrar nos critérios de avaliação dos professores quando devidamente reformulados; a valorização e promoção de uma formação académica superior (mestrado e doutoramento); a integração das TIC no contexto educativo.

No entanto, referem pontos a melhorar e que constituem um verdadeiro desafio para as escolas e as políticas educativas: as escolas deverão assumir uma autonomia com firmeza e vontade de mudança em prol da qualidade da educação, promover políticas inovadoras, eficazes e exequíveis e aprender a estar em rede; a formação inicial deverá preparar o professor para o mundo real e a formação contínua deverá garantir uma permanente actualização. Garantirá o regime de monodocência idêntica qualidade nas várias áreas curriculares? Ou estaremos a exigir demasiado do professor?

Além disso, verificou-se que há um forte reconhecimento das características pessoais do professor (“soft skills”). Questionamo-nos: na prova de avaliação de conhecimentos e competências para ingressar na carreira, estarão incluídas as características pessoais necessárias ao exercício da profissão?

O sistema educativo caminhará para a excelência a

partir do momento em que todos os seus participantes estiverem alinhados com a mesma missão para atingirem a visão da educação que melhor serve a sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES PINTO (2001). Socializações e Identidades Docentes. In Ser Professor no Limiar do Século XXI. (org) Teixeira. Porto: Edições ISET, p. 19-80.

BIDARRA, J. (2004). Hiperespaços e materiais para formação a distância. In E-learning para E- Formadores. . TecMinho/Gabinete de Formação Contínua- Universidade do Minho, pp. 33- 54.

CAMPOS, B. P. (2000). Professores num Contexto de Mudança: Profissionais do Ensino em Escolas Autónomas. In O Futuro da Educação Em Portugal, Tendências e Oportunidades. Roberto Carneiro (org.). Lisboa: Ministério da Educação

CARROLO, C. (1997). Formação e Identidade Profissional dos Professores. In Viver e Construir a Profissão Docente, Org. Estrela. Porto: Porto Editora, p. 21-50.

CARVALHO (1992). A educação como Projecto Antropológico. Porto: Edições Afrontamento.

CAVACO, M. H. (1995). Ofício do Professor: O Tempo e as Mudanças. In Profissão Professor. Org. Nóvoa. Porto: Porto Editora, p. 155-190.

CODESIT, X. (2007). Competencias dixitais para unha nova escola galega. In Revista Galega de Educación, nº 38, pp. 30-41.

DAY, C. (2001). Desenvolvimento Profissional de Professores. Porto : Porto Editora

DIAS, P.(2004). Processos de aprendizagem colaborativa nas comunidades online. In E-Learning para E- Formadores. TecMinho, UM, 2004, 21-32.

DUBAR, C. (1997). A socialização - Construção da Identidades Sociais e Profissionais. Porto: Porto Editora.

ESTEVE, M. (1995). Mudanças Sociais e Função Docente. In, Profissão Professor. Nóvoa (org.). Porto: Porto Editora

FORMOSINHO (2000). Autonomia, Projecto e Liderança. In Políticas Educativas e Autonomia das Escolas, Porto: Edições Asa, p. 117-138.

JOBERT, GUY (2002) A Inteligência no Trabalho. In Tratado das Ciências e da Técnicas da Formação. Lisboa: Instituto Piaget, p. 223 a 239

LIMA (1995a). Reformar a administração escolar: a recentralização por controlo remoto e a autonomia como delegação política. Revista Portuguesa de Educação. Braga: Universidade do Minho, p.- 57 a 71.

- LIPIANSKY, E. M. (1992). *Identité communication*. Paris: Press Universitaires de France
- LOPES (2001a). *Professora e identidades*. Cadernos do CRIAP, Nº 25. Porto: ASA Editores
- NÓVOA A. (1999). *Os Professores na Virada do Milênio : do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. Palestra proferida na Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-)
- QUADROS FLORES, P. (2005). *Identidade Profissional e Formação Contínua: um estudo de caso no concelho de Gondomar*. Tese de dissertação para obtenção do grau de mestre pela Universidade Portucalense.
- SACRISTÁN, J. (1995). *Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores*. In *Profissão Professor*. Nóvoa (org.). Porto: Porto Editora, p. 63-92.
- SANDRA MICHEL (1984). *Motivação, Satisfação e Implicação*. In *Management- Aspects humains et organisationnels*. Aubert (Org.). Porto: Rés Editora
- SILVA, M. (2006) *Sala de aula Interactiva*. Quarteto Editora, Rio de Janeiro
- SIMÕES, H. R. (1995). *Dimensões Pessoal e Profissional na Formação de Professores*. Aveiro: CIDINE
- TEIXEIRA (1995). *O Professor e a Escola- Perspectivas Organizacionais*. Lisboa: McGraw-Hill
- SECO (2000). *A satisfação na actividade docente*. Coimbra: Tese de Doutoramento na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação.
- HARGREAVES, A. (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança*. Alfragide: Editora McGraw-Hill.